

ZERRO

FLORIANÓPOLIS, 15 DE NOVEMBRO / 15 DE DEZEMBRO DE 1985



ACORDO SECRETO



O SIGILO ERA UMA DAS PRINCIPAIS CLÁUSULAS DE UM CONTRATO
ENTRE O DEPARTAMENTO DE ENGENHARIA MECÂNICA E A IBM. DIVULGADO
PELA IMPRENSA, O ASSUNTO CHEGOU À ASSEMBLÉIA

SÓ FILHINHO-DE-PAPAI ENTRA NA UFSC

FOLCLORE CATARINENSE GANHA HISTÓRIA EM QUADRINHOS

MONARQUISTA E RACISTA. TAÍ O DOUTOR SABBÁ



A única surpresa foi o caminhão encostar junto ao banco. Diminuiu a distância, não o perigo



Um mês depois do assalto

Tensão marca os dias de pagamento

25 de setembro. Faz exatamente um mês que os guardas encarregados da entrega do dinheiro no posto do BESC na UFSC — referentes aos salários dos funcionários — foram assaltados. Naquela ocasião, quatro homens armados com revólver e até metralhadora, renderam os guardas e levaram todo o dinheiro — pouco mais de 1 bilhão de cruzeiros. (Na fuga, houve reação dos guardas e disparos foram trocados). Como resultado, um assaltante foi atingido no braço e dois guardas ficaram gravemente feridos.

25 de Outubro. É novamente o dia do dinheiro ser entregue no posto do BESC. Ao contrário da última vez, o motorista do carro-forte sobe a calçada e estaciona ao lado do banco, numa distância aproximada de 10 metros da porta. Carro-forte aberto, dois guardas saltam rapidamente com o malote na mão e os revólveres no coldre. Mais atrás, na cobertura, outro guarda, que atento aos movimentos, inspeciona o local com um olhar nervoso. Da pequena multidão que se forma na frente do banco para assistir a entrega, uma voz anônima quebra o ambiente um pouco tenso com uma frase que provoca risos:

"Olha o ladrão!". Alheios a brincadeira, os guardas agem rápidos e em três minutos o dinheiro está entregue.

Se realmente os guardas não estavam para brincadeiras, os motivos são justificáveis. Afora a localização do carro-forte — ao lado do banco —, nenhuma alteração foi feita pela empresa Prosegur - Transportadora de Valores no esquema de segurança. Continuaram os mesmos três guardas e um motorista, utilizados na vez an-

terior e que demonstraram ser insuficientes para conter os assaltantes.

Mesmo assim, também não é certo que a colocação de mais vigilantes nas equipes seja a solução para o caso. Afinal, o que a Prosegur exige para admitir um guarda? A lista de do-



Desta vez o dinheiro foi entregue

cumentos é extensa, vai desde exame de sangue até certidão de casamento, porém são esquecidos dois detalhes: não se pede experiência alguma no uso de armas e o grau de escolaridade não é levado em conta. Intimidade com armas e raciocínio rápido e lógico são indispensáveis para um guarda. Quando isto falta, é preciso ter coragem e sorte para não perder a vida.

Manoel Liano Severo Brasil, 29 anos, casado, dois filhos, foi um dos guardas feridos durante o assalto na

Universidade. Manoel, que estudou até a 6.ª série do 1.º grau, conta como foi na hora do assalto: "Os assaltantes chegaram e nos renderam, quando eu vi eles saindo com o dinheiro, pensei em reagir, pois é o que tem que se fazer, aí levei o tiro e não pude fazer mais nada". Levado para o hospital, ficou por algum tempo em estado delicado. Agora, já liberado de cuidados médicos mais intensos, Manoel Brasil, gaúcho, está com a sua família hospedado no Hotel Filadelfia — há apenas 2 meses em Florianópolis, não havia encontrado casa. A conta é paga pela Prosegur, que também deu um prêmio de 5 milhões de cruzeiros para cada membro da equipe assaltada, pela valentia que demonstraram. Nota-se que a empresa pelo menos reconhece que tudo foi pura valentia. Que outro adjetivo poderia ser dado para estes homens, que, mesmo sem nunca terem atirado na vida são admitidos para o serviço e recebem instruções apenas uma vez ao mês?

No entanto, Manoel Brasil tem outro pensamento. Com a escritura de sua nova casa nas mãos diz: "Não se pode ter medo ou receio neste emprego, tem de se estar preparado para tudo". Para ele a "firma agiu bem, desde o hospital até o hotel" e os salários "em vista do que tão pagando por aí, até que é bom, dá pra comer um pãozinho à mais cada dia". Seu plano para o futuro é "voltar assim que ficar bom" Contentes com esta decisão, devem estar os invisíveis e inatingíveis homens que habitam o "bunker" da Rua Santos Saraiva, n.º 432. Ali é a sede da Prosegur, que pelos seus vidros refletores, suas portas de ferro, cachorros ferozes, poderia ser confundida com a residência de qualquer ditador sul-americano exilado. Protegidos do contato com a realidade das ruas, os diretores da empresa sabem que não preparam adequadamente os vigilantes e por isso precisam de mais gente valente — ou necessitada — como Manoel Brasil, par arriscar a vida, atrás de sua sobrevivência.

ZERO

Jornal laboratório do Curso de Comunicação Social da Universidade Federal de Santa Catarina.

Reportagem: Ivandra Prévizi, Raquel Vandelli, Valentina da Silva Nunes, Ângelo Lima Medeiros, Artêmio Reinaldo de Souza, Silvana Rocha, Evory Pedro Schmitt e Jeni Joana de Andrade.

Fotografia: Manoel Mendes, Valmor Roberto Fritsche, Júlio Cancelier, Fernando Antonio Crocomo, Jones João Bastos, Charles Silva

Desenhos: Sandro Shigufuzi

Edição e supervisão: Professores Luiz Alberto Scotti, Ricardo Barreto e Lourenço Cazarré.

Edição gráfica: H. Ricardo Barreto

Acabamento e impressão: Empresa Editora O ESTADO

Correspondência: Caixa Postal 472, Departamento de Comunicação, Florianópolis. S.C.

Distribuição gratuita
Circulação dirigida.

EM Santa Catarina hoje, de cada mil crianças que entram no 1.º grau de uma escola gratuita apenas 47 chegam à Universidade. A grande maioria delas é de crianças de famílias de baixa renda, que não conseguem ultrapassar os inúmeros obstáculos encontrados no decorrer de seu desenvolvimento escolar.

Gilberto João de Oliveira, 20 anos, foi uma dessas crianças. E foi também um dos 10.124 desclassificados no vestibular da Universidade Federal de Santa Catarina de 1985. Candidato ao curso de Direito, Gilberto atribui o seu baixo desempenho no concurso a uma série de fatores que teve de enfrentar: a obrigação de conciliar trabalho e estudo, e a necessidade de frequentar colégios estaduais que não oferecem boas condições de ensino. "Não pude fazer cursinho porque não tinha tempo nem condições financeiras, e só o ensino de 2.º grau não foi suficiente. Pelo contrário, foi quase ridículo porque nem 20% do currículo a gente conseguiu completar". Hoje, Gilberto trabalha como subgerente no supermercado Comper, da Trindade, e terminou adiando seu sonho de ser advogado. "Vestibular de novo só daqui a sete anos. Agora preciso estabilizar a vida, porque casei e tenho um filho pequeno".

Gilnei Hilhesheim, 23 anos, é colega de trabalho de Gilberto. Ele também viu seus sonhos frustrados quando não conseguiu ser aprovado para o curso de Administração de Empresas da UFSC. Sua história é parecida com a de Gilberto, assim como a de muitos outros jovens que hoje circulam fora das Universidades brasileiras. Terminou o 2.º grau no Colégio Estadual Simão José Rhes, onde estudava à noite — após um dia inteiro de trabalho — e onde recebeu também um "baixíssimo nível educacional". Não pôde fazer um cursinho pré-vestibular — que custa em média Cr\$ 190 mil por mês — e lamenta a impossibilidade de voltar a prestar outro concurso para o 3.º grau. "Conciliar trabalho e estudo é quase impossível hoje para mim, porque trabalho mais de 8 horas e não aguentaria chegar em casa cansado, tomar banho e sair para assistir aula". Atuando como almoxarife conferente, Gilnei reconhece com tristeza que em nossos dias para quem não tem um diploma de curso superior tudo é mais difícil.

CURSINHOS

Mas no Brasil, apenas uma minoria obtém diploma de curso superior. São os filhos das classes média e alta que estudaram em colégios particulares bem-estruturados, não foram obrigados a conciliar trabalho e escola, puderam pagar cursinhos preparatórios e receberam uma formação cultural muito melhor. Dos novos universitários aprovados no vestibular de 1985 da UFSC, por exemplo, 46% do total concluíram o 2.º grau em estabelecimentos particulares. Maria Lúcia Pacheco Ferreira, 18 anos, reconhece e presencia diariamente esse desnivelamento entre os estudantes de escolas públicas e privadas. "O pessoal das escolas estaduais não tem a mínima chance de competir com os alunos das escolas particulares. Eles não têm noção nem do 1.º grau, quem dirá do 2.º grau". Maria Lúcia é secundarista no Colégio Catarinense, onde termina o 2.º grau neste ano, e também do cursinho Barriga Verde. Filha de um engenheiro elétrico da Eletrosul, ela não trabalha e gasta mensalmente cerca de Cr\$ 400 mil, para garantir sua vaga na Universidade Federal.

No último vestibular da UFSC o número de candidatos aprovados que possuem uma renda familiar acima de onze salários mínimos representou cerca de 30% do total. Isto é, dos 2.745 novos universitários, 793 pertencem à classe mais privilegiada. Por outro lado, os aprovados

SÓ VINTE POBRES ENTRARAM NA UFSC.

É O FIM



Gilberto de Oliveira um dos 10 mil reprovados

PREPARAÇÃO PARA O VESTIBULAR CUSTA CR\$ 400 MIL POR MÊS



Gilnei Hilhesheim nunca vai ser o que pretendia

com renda familiar inferior a um salário mínimo não passam de 22, ou seja, apenas 0,8% do total. Mais um dado obtido entre os classificados do ano passado e que vem confirmar a elitização do ensino superior, é a porcentagem de alunos que não trabalham e recebem renda da família: 60,8% do total. Enquanto que apenas 4,6% são responsáveis pelo sustento familiar.

CÍRCULO VICIOSO

"Essas crianças e adolescentes pertencentes às classes menos favorecidas enfrenta um verdadeiro círculo vicioso: não têm condições financeiras de estudar em colégios particulares e são obrigados a enfrentar escolas que não possuem boas condições de ensino" afirma Maria das Dores Amorim, assessora técnica da Associação Catarinense das Fundações Educacionais (ACAFE) — e coordenadora da pesquisa "Desempenho no vestibular e diagnóstico de ensino de 2.º grau na Grande Florianópolis e Vale do Itapocu". Segundo dados dessa pesquisa, feita em dois anos, financiada por órgãos oficiais, a influência das más condições de vida é fator determinante no baixo desempenho no vestibular. Na Grande Florianópolis, por exemplo, os candidatos vindos das zonas rurais obtêm um nível de desempenho muito inferior ao dos alunos da cidade. Isso porque a maioria desses candidatos são de origem humilde e, quando não foram obrigados a deixar os estudos para trabalhar no campo, se submetem a escolas gratuitas e precárias.

PROMOÇÃO AUTOMÁTICA

Mas o principal fator responsável pelo baixo nível do ensino oficial, e conseqüente despreparo dos alunos, é a chamada promoção automática em vigor nos colégios municipais e estaduais. Esse sistema permite que o aluno passe de ano mesmo sem ter alcançado média nas provas. "A promoção automática deveria ser bem estudada antes de ser aplicada, porque a gente vai passando e quando chega ao vestibular não sabe nada" desabafa Jonas Moraes, 30 anos, estudante secundarista e candidato ao curso de Educação Física no vestibular de 1986. Jonas trabalha durante o dia numa loja de consertos de rádio e TV, e à noite termina o 2.º grau, que foi obrigado a interromper há dez anos por falta de condições financeiras. Ele não faz cursinho preparatório porque não tem tempo e muito menos meios para pagá-lo.

Além das dificuldades financeiras e do baixo nível do ensino a que tem de se submeter em os estudantes das classes mais pobres, eles ainda se deparam com outro obstáculo: o cansaço físico e mental de conciliar o emprego e a escola. Segundo os dados da Comissão Permanente do Vestibular (COPERVE) cerca de 16% do total de classificados no último vestibular da UFSC frequentaram colégios noturnos, enquanto que 63% estudaram em colégios diurnos.

Apesar de todos esses problemas que levam alguns à desistência, são muitos os que ainda tentam chegar ao nível superior.

Murilo Mariano, 20 anos, por exemplo, é um desses estudantes que ainda não perderam as esperanças. Filho de um pescador e de uma rendeira, sempre estudou em colégios gratuitos. Já prestou concurso em 1985 para Agronomia — o curso mais concorrido da UFSC — e não conseguiu se classificar. "Saí do 2.º grau sem estar muito bem preparado para enfrentar o vestibular. A promoção automática só me prejudicou". Mas ele não desiste e vai tentar mais uma vez, mesmo sem ter feito cursinho preparatório, já que está desempregado. Quem sabe ele talvez tenha chance, mesmo concorrendo com os alunos do Colégio Catarinense, dos Cursinhos Barddal e Barriga Verde. "O meu sonho é um dia assinar uma coluna num jornal" desabafa. Murilo que, agora, vai tentar Jornalismo.

A IBM TENTA PÔR O PÉ NA UNIVERSIDADE

A publicação de uma reportagem na edição de 6/7 de outubro do Jornal de Santa Catarina, denunciando um convênio entre o Departamento de Engenharia Mecânica da UFSC e a multinacional gerou uma polêmica que chegou, inclusive, à Assembléia Legislativa. Os parlamentares solicitaram ao Reitor, informações sobre a proposta da IBM e, como não receberam resposta, decidiram investigar de perto o assunto.

Por causa da denúncia feita pela estudante de Jornalismo Ivandra Préviti, os professores do Departamento de Engenharia Mecânica ameaçaram processar o JSC. Em nota oficial, parcialmente publicada pelo jornal, dezoito professores daquele departamento qualificam Eloy José Tavares Neto, do Departamento de Ciências da Computação, de "espécime exótico, de notória e nociva participação na vida universitária", pelas declarações que prestou à repórter. Nesta mesma nota, porém, os professores não esclarecem a questão, nem refutam as informações principais. Limitam-se a ofender o entrevistado. Por sua vez, Eloy Tavares Neto, ameaçou recorrer à Justiça contra os que o agrediram.

Contrariado com a divulgação do acordo, dois dias depois, o professor Clóvis Raimundo Maliska, coordenador de pós-graduação em Engenharia Mecânica, chamou a estudante a seu gabinete para criticá-la pela reportagem que deu início ao bate-rebate. Na conversa, negou alguma afirmações que fizera, e usou boa parte do tempo para dar a ela lições sobre jornalismo (ver box).

O caso IBM-UFSC não parou por aí. Na sua edição de 13/14 de outubro, o Jornal de Santa Catarina publica duas outras notas sobre o tema. Numa delas, Eloy analisa politicamente o acordo, e propõe que seus termos sejam aprovados em Assembléia Geral Universitária, depois de discutidos pela comunidade. Os professores de Mecânica contrapõem-se a essa tese, afirmando, na outra matéria, que "qualquer decisão sobre o assunto não poderá ser determinada por maiorias manipuladas por lideranças ideoló-

gicas ou grupos que se dizem progressistas, subordinando a competência ao número".

O convênio IBM-UFSC não está mais restrito exclusivamente aos círculos acadêmicos. As comissões de Desemprego e de Ciência e Tecnologia da Assembléia Legislativa promoverão uma mesa redonda para investigar o assunto. Os professores de Mecânica, encarniçados defensores do acordo, e o professor Eloy José Tavares Neto, seu principal contestador, vão depor perante os parlamentares.



ACORDO IGUAL FOI RECUSADO NA PARAÍBA

No Curso de Engenharia Mecânica, a IBM pretende instalar 250 terminais de vídeo, um para cada professor. Esses terminais são ligados a um computador, que recebe o que é lançado na pequena tela e manda as respostas para o usuário. A IBM quer também equipar a Mecânica com uma unidade CAD/CAM (Computer Aided Design/Computer Aided Manufacturing), um sistema de micro-computador que, se acoplado a um torno, por exemplo, é capaz de substituir um trabalhador que faz parafusos. Na Mecânica, a IBM quer instalar ainda uma unidade de conversão de densidade de fita, um aparelho que lê informações de cartões perfurados e grava em fita magnética de rolo. É possível ainda, que haja expansão do atual sistema de oito para doze megabits.

Essas foram as necessidades computacionais levantadas, a pedido da IBM, pelo professor Arno Blass, coordenador de pós-graduação em Mecânica. Mas o que teria a empresa a lucrar, emprestando a parafernália por



O que se oculta por trás destes terminais?

quatro anos? Para o professor Clóvis Raimundo Maliska, "o objetivo da IBM é fazer propaganda do equipamento", como afirmou na primeira entrevista. Na segunda, ele diz que "o objetivo principal da IBM é marketing". E acrescenta: "não é só uma multinacional que tem marketing. As empresas nacionais também fazem propaganda. O que não podemos é ficar sem equipamentos pra não fazer propaganda pra ninguém".

Se o objetivo imediato da IBM é propagandear o equipamento e treinar a mão-de-obra para o uso exclusivo de seus produtos, o certo é que, a longo prazo, o projeto não se resume a isso. Em artigo publicado na "Folha de S. Paulo", o físico Rogério Cerqueira Leite diz que a proposta da IBM faz parte de uma ação global, envolvendo 66 universidades européias e 68 universidades americanas e canadenses. Todas as informações sobre o desenvolvimento tecnológico gerado nessas universidades são arquivadas num banco de dados de propriedade da empresa, uma transnacional de origem americana.

PIRULITO DE CRIANÇA

No Brasil, a IBM já fez outras investidas. A idéia da empresa é firmar convênios com várias universidades,

de modo a criar aqui uma rede de ensino e pesquisa, a exemplo do que vem fazendo em outros países. As portas da Universidade estariam abertas, e o acesso às informações seria como tirar pirulito de criança. Um pouco mais caro, talvez, porque a brincadeira custaria à IBM 50 milhões de dólares. Com a Universidade de Uberlândia, a empresa já conseguiu estabelecer o acordo. Na UFPB e na USP, a multinacional encontrou resistência.

Foram muitas as críticas feitas pela Universidade Federal da Paraíba às condições impostas pela IBM para a efetivação do acordo. A principal delas, e que seguramente acabou inviabilizando o acordo, é que os professores paraibanos não aceitaram qualquer restrição ao uso dos equipamentos. A interferência da IBM nas linhas de ensino e pesquisa foi vista com desagrado. E a UFPB não quis entregar à multinacional o que viesse a ser desenvolvido durante a vigência do acordo.

Outra imposição que indignou os professores de Engenharia Elétrica (na UFPB a Elétrica foi procurada pela IBM) daquela Universidade, foi a determinação de sigilo sobre o acordo, conforme estava estabelecido numa das cláusulas: "as partes concordam em não divulgar os termos e condições deste convênio, sem a prévia autorização, por escrito, da outra parte".

Na Universidade de São Paulo, o contrato não se realizou porque o Conselho Estadual de Processamento de Dados, do qual o físico Cerqueira Leite é integrante, considerou-o uma agressão à reserva de mercado em informática e, portanto, lesivo aos interesses nacionais. O governo francês também não aceitou o convênio, sob o argumento de que o acordo ameaçava a soberania nacional. A IBM acabaria tendo mais informações sobre a França do que o próprio Mitterand.

ARRUMANDO A CAMA

O professor de Computação, Eloy Tavares Neto, desenvolve seu raciocínio na mesma linha de Cerqueira Leite: "a intenção da IBM é, a médio prazo, furar a lei de reserva", afirma. A IBM vai arrumando a cama, por enquanto. Em 1992, quando acabar a proteção ao mercado brasileiro, ela se deita, tranquilamente, na área de informática e de teleinformática.

O professor Maliska compromete-se, entretanto, a respeitar a Lei. E informa que "a IBM está aqui desde 1969, ajudando as atividades computacionais. Esse departamento cresceu graças aos computadores da IBM. A IBM não vai entrar aqui. A IBM já está aqui".

Nenhum convênio até agora firmado com a Mecânica exige sigilo absoluto. Eloy é um dos principais críticos

dessa imposição: "os termos do acordo têm que passar por uma Assembléia Geral Universitária", opina ele.

A essa tese contrapõe-se o professor Maliska. Para ele, quem tem competência são os professores do Departamento de Engenharia Mecânica, os "PhDeuses", como Eloy os chama. "Cada um dos professores de Mecânica, afirmam eles na nota, "detém, individualmente, de credencial mais enobrecedora e menos controversa do que o do entrevistado", referindo-se a Eloy. E apresentam o outro lado da questão, "menos nebulosa, menos dogmática e menos doentia". Brincar com título de Doutor é muito grave e, em função disso, os professores ofenderam-se com a reportagem.

ATAQUE DE AMNÉSIA

Os professores de Mecânica ficaram melindrados, conforme afirmam na nota ao JSC, porque o assunto foi "enfocado exclusivamente sob a ótica de uma minoria sempre à margem da participação integral na vida universitária, e sem a justa, necessária e imprescindível audiência da outra parte". Os ataques de amnésia são comuns nesses casos. Os sintomas variam desde a negação das próprias palavras até o esquecimento total das entrevistas que se concede.

Agora não são apenas "minorias exóticas e nocivas" que se interessam pelo convênio IBM-UFSC. Na sessão de 16 de setembro, a Assembléia Legislativa enviou ao Reitor da UFSC, Rodolfo Pinto da Luz, um telegrama solicitando esclarecimento sobre o caso. Os parlamentares estão esperando sentados a resposta do Senhor Reitor.

Enquanto isso, a Assembléia Legislativa, através das comissões de Desemprego e de Ciência e Tecnologia, está preparando um debate, no qual os professores de Mecânica serão convidados a se explicar, porque o convênio IBM-UFSC não é uma briga pessoal nem uma questão meramente técnica. O convênio IBM-UFSC é uma questão política.

Por ser uma questão política, é que o professor Maliska recomendou: "essa matéria, ou você escreve completa, ou não escreve". O mais conveniente, para ele, seria não tê-la escrito, porque a altura, o acordo já poderia ter passado, em primeira instância, pelo Conselho Departamental. Agora, é preciso mais jogo de cintura para conseguir instalar os inofensivos computadores. É preciso esperar até que os jornais não tenham mais interesse em transformar em notícia o convênio IBM-UFSC. Quando esse caso — assim como tantos outros — estiver boiando no esgoto do esquecimento, será bem mais fácil. Com paciência, eles ainda chegam lá.

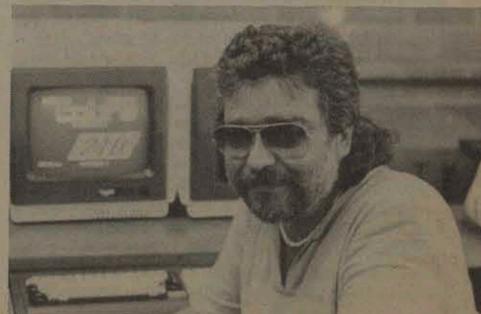
UMA NOVA TEORIA DO JORNALISMO: A DOS CONJUNTOS

Maliska fala manso, enquanto prepara o bote. Olhos azuis, cabelos loiros encaracolados, Clóvis Raimundo Maliska, coordenador da pós-graduação em Engenharia Mecânica, abandona a expressão de anjo barroco, quando fala da reportagem "Convênio proposto pela IBM gera polêmica na Universidade". Por trás da aparente delicadeza está um homem enfurecido, capaz de dar lições sobre aquilo que não entende.

O professor envereda pelos caminhos do jornalismo, e consegue a façanha de reavivar a moribunda teoria da imparcialidade. "Jornalismo pra mim é alguma coisa que você lança uma idéia, e deixa a comunidade concluir, analisar. Aqui a matéria tá dirigida", queixa-se ele. Seria melhor deixar a IBM instalar-se na Universidade, pra depois analisar o fato consumado?

Aprofundando suas teorias sobre o jornalismo, o professor Clóvis Maliska diz que existe uma grande diferença entre as informações que são divulgadas na grande imprensa e as que são publicadas num jornal-laboratório, como o ZERO. Por isso, Maliska gostaria de ter sido avisado com antecedência que a matéria sairia no JSC. "Houve uma falha realmente imperdoável da tua parte", lemanta-se o professor. A questão era "deméstica", como ele mesmo diz. "e acabou extravasando pra cidade". Em resumo: Maliska gostaria de manter o monopólio das discussões sobre a Universidade Brasileira, restritas a seu gabinete de trabalho.

A matéria tem muita maldade, é o que afirma o Dr. Maliska, com um dedo no recorte do JSC, e outro na cara da repórter: "Faça deste cantinho a extensão de sua casa" é



Opiniões em conflito: Eloy Neto (esquerda) é contra o acordo que Maliska (direita) defende



Preocupação
é valorizar
o folclore

O "Bruxo" Franklin Cascaes tinha um sonho: ensinar nas escolas as lendas do Boi Tatá, do lobisomem; das sereias e dos poderes ocultos do alho que a cultura oficial e os livros didáticos não contam. Cascaes morreu, mas o sonho pode se tornar em breve uma realidade com o projeto de Sandro Akira Shiguemitsu, estudante de Jornalismo da UFSC, que está elaborando histórias em quadrinhos para crianças das escolas da periferia. O cenário das revistinhas são as praias da Ilha e até mesmo os problemas mais graves da cidade, como esgoto, transporte e poluição.

O autor preocupou-se em ensinar e valorizar a cultura marginalizada, as superstições, histórias de pescador, lendas e costumes - na linguagem mais atraente para as crianças - o gibi. O primeiro número já foi impresso e será distribuído pela Fundação Catarinense de Cultura para as escolas do Pântano do Sul, Morro da Caixa, Sertão do Ribeirão e Saco Grande. Até o final do ano, Sandro, 23 anos, quer elaborar mais três números.

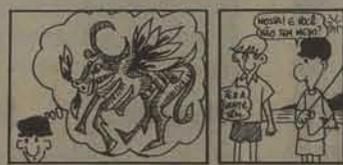
BARATO

Na verdade, este projeto que faz parte do seu trabalho de conclusão de Curso é uma crítica em dose dupla aos livros didáticos e às histórias em quadrinhos norte-americanas. Além da nova proposta não deixar morrer a cultura açoriana, o projeto significa ainda uma alternativa econômica para as crianças que não têm acesso aos livros comuns.

Cada exemplar custará Cr\$ 600,00 e por este aspecto, o projeto já recebeu total apoio das comunidades e escolas envolvidas.

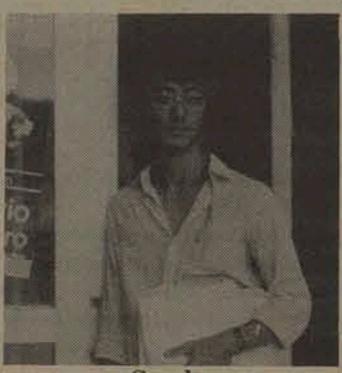
Sandro vai escrevendo e desenhando as historinhas com os personagens que ele chama de "A turma da Ilha", inspirados em crianças das escolas periféricas de Florianópolis. Outros personagens retratam a profissão dos pais, geralmente pescadores, ope-

PARA ENFRENTAR O TIO PATINHAS



rários ou motoristas de táxis. Neste número, a turminha participa de um concurso de pandorgas no aterro onde a vencedora tem o formato da Ponte Hercílio Luz, ainda pintada de preto. Narra também o caso de um pescador que teve sua rede toda rasgada pelas bruxas, porque esqueceu de queimar folhas de alho para quebrar seu encanto.

O trabalho surgiu com o Projeto Ilha de Santa Catarina, criado pela Fundação Catarinense de Cultura (FCC) em 1982. O projeto, que incluía a produção de material didático baseado na realidade das escolas das redes municipal e estadual, foi aprovado no final do ano passado. Quando Sandro procurou a Fundação para apresentar sua ideia, já haviam sido produzidos livros de estórias e o orçamento já estava estourado. Apesar do atraso, a FCC achou que as ideias dos quadrinhos vinham calhar com seus objetivos e assumiu sua distribuição



Sandro: trabalhando a cultura marginal

para as escolas. O financiamento no entanto, ficou a cargo da UFSC.

CINEMA

Se o gibi até então era considerado prejudicial à formação das crianças pelos pais e professores, desta vez ele terá uma função didática, promovendo a ligação com seu contexto cultural. É Sandro quem toma a defesa dos quadrinhos: "Eles não são um mal em si, o problema é que a escola norte-americana, que produz o Tio Patinhas,

Pato Donald, etc., não permite que a criança crie em cima dos desenhos. Eles são estáticos e a história se encerra a cada ilustração". Procurando se contrapor a esta teoria, ele busca planos abertos e traços menos definidos, numa visão dinâmica, dada principalmente pelas paisagens. "Desta forma as crianças completam as ideias com sua imaginação".

Sandro, o chargista favorito dos colegas para as ilustrações deste Jornal Laboratório do Curso de Jornalismo, acha que as historinhas que faz têm muito a ver com o cinema e assim, vai elaborando os roteiros, determinando planos e ângulos diferentes. Inova ainda eliminando o cerco rígido dos quadrinhos. Diz que sofre influência do Angeli, cartunista da Folha de São Paulo e é fã do Henfil pela crítica aos padrões sociais e

os padrões da gramática oficial".

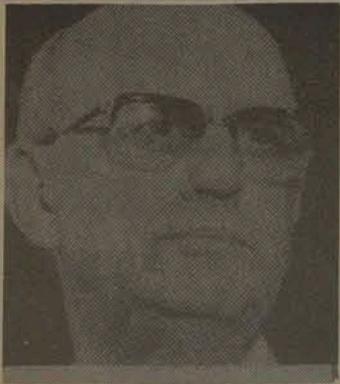
Tempos atrás, um grupo de professores enviou ao MEC um manifesto contra o Chico Bento, personagem de Mauricio de Souza, porque ele estava ensinando as crianças a falarem errado. Logo em seguida, "Chico recebeu total apoio de uma Associação de Literatura". Sandro aplaudiu o episódio. Concorda com Paulo Freire em relação aos linguistas: "não estão aqui para inventar uma língua, mas sim para adaptar a língua do povo". E reforça sua opinião com a questão do regionalismo: "Não se pode falar igual em todos os lugares. A palavra uva, por exemplo, não tem nenhum sentido no Nordeste".

MEDÓ E FANTASIA

Ele recorreu à obra de Paulo Freire para que as crianças adquiram uma consciência da sua realidade e passem a modificá-la. "A história em quadrinhos além de ser um atrativo é uma novidade e de fora e, neste caso, ao tocar nos problemas da realidade da criança poderá despertá-la. Paulo Freire conta a história de uma pessoa que só se apercebeu da situação precária em que vivia quando alguém mostrou-lhe a foto do lugar que morava, apesar de ter passado a vida olhando-a da janela". Seguindo o exemplo, Sandro vai abordando os problemas do esgoto, transporte, ecologia e mostrando as favelas. "Não de uma maneira panfletária, mas simplesmente pintando a realidade para ver se provoca reação."

Quem dá as dicas das histórias de bruxas, do lobisomem e do folclore da Ilha é Franklin Cascaes no seu livro "O Fantástico na Ilha de Santa Catarina". Todos os dias, o historiador percorria as comunidades mais pobres, onde escutava e anotava as superstições e os fatos rotineiros, e observava as casas, os engenhos e o tipo de vegetação - formando um perfil cultural completo dessa gente. Assim, Sandro vai narrando as histórias antigas num contexto atual, pois como dizia o Cascaes: "hoje as bruxas ainda existem, mas estão todas na política."

Se o projeto atingir maiores dimensões, talvez nos próximos meses teremos nas bancas o duelo entre os personagens Tio Patinhas e Boi Tatá.



Botha, da África do Sul



Sabbá, em Formosa



Pinochet, guru dos Andes



sanguíneo doado por outros países ao povo nicaraguense. Jamais reconstruiu Manágua, destruída até hoje, e nunca construiu estradas ligando departamento algum.)

SAPATOS DA PÁTRIA

Semana passada, durante uma entrevista ao Jornal Zero, Sabbá Guimarães diz que hoje, pensando bem, não escreveria artigos defendendo Somoza por causa da corrupção, mas insiste: "Somoza não era um monstro. Era trabalhador". Outra grande figura do panorama sangüinário internacional, Augusto Pinochet, é uma figura admirável na opinião de Sabbá Guimarães: "homem sério de lealdade nos seus princípios. Ele tem cometido alguns excessos, é verdade, mas ninguém pode duvidar da probidade e da honestidade de Pinochet". No Brasil, a Liga Anticomunista mostrou muito serviço durante o governo Médici, o período mais duro da ditadura. "Sobre a atuação da liga não falo, é um assunto delicado".

Em alguns momentos de sua "obra", o ex-juiz Sabbá Guimarães desperta mais interesse psiquiátrico do que curiosidade jornalística. Apesar de se mostrar um homem extremamente cauteloso quando fala, na escrita ele não só perde o bom senso como também a noção do ridículo. E conta histórias como esta: "Em Seul, uma formosa mulher conhecida dos meios diplomáticos, mostra-me, satisfeita, os belíssimos sapatos que usava: 'Vieram de sua pátria'... Essas lembranças ocorrem-me em borbotões e sinto-me cada vez mais crente na contribuição da Pátria Brasileira à civilização universal".

Essa preocupação com a representatividade do setor calçadista nacional no avanço da "civilização universal", só se justifica se levarmos em conta a preocupação de Sabbá Guimarães com o vestuário. Em sua "obra", ele aparece em inúmeras fotos vestindo os últimos lançamentos da alfaiataria amazonense. Na sua "obra", Sem Fronteiras, a primeira foto é um registro de sua visita a um estaleiro na República de Formosa. Uma bela fotografia: aparece um casaco listrado, uma gravata cheia de metáforas espectrais e um enorme capacete de aço. Ali dentro está Sabbá — assustado.

Um juiz de direito que admira Pinochet e apóia o apartheid

A ultra-direita resolve falar: autoridade, armas e racismo são os temas

Newton Sabbá Guimarães poderia ser resumido assim: amazonense, Juiz de Direito aposentado aos 44 anos, fala mais de dez idiomas, possui uma cultura respeitável, é autor de inúmeros livros sobre política internacional. Mas seria um resumo incompleto porque ele é muito mais do que isso: monarquista, membro da Liga Mundial Anticomunista, amigo pessoal de todos os ditadores que conhece e fervoroso admirador dos que ainda não lhe concederam uma entrevista. Homem com muitas viagens a serviço da Liga Anticomunista — principalmente à Ásia e à África — e eventual contato para a compra e venda de armas no mercado internacional, Sabbá Guimarães é hoje um dos representantes mais obstinados da ultradireita brasileira.

Há dois anos morando em Florianópolis, Sabbá Guimarães passava quase anonimamente pelo curso de pós-graduação em Ciências Sociais e Linguística, até o dia em que resolveu abrir a boca. Defensor vitalício do governo racista da África do Sul; admirador perpétuo do general-presidente Augusto Pinochet, do Chile, fá incondicional e incons-

qüente de todos os ditadores sangüinários que passaram pela história neste pedaço de século — ele consegue no mínimo desconcertar as pessoas com suas idéias.

E vai muito mais longe: defende o fascismo de Mussolini e só não gosta de Hitler por causa dos judeus (Sabbá Guimarães evidentemente é de origem judaica).

NA TERRA DO APARTHEID

Mas suas idéias sobre racismo não terminam aí. Os negros da África do Sul, por exemplo, não têm a menor condição de governar o país. Além disso, não existe nenhuma violência contra o nativo daquele país, esclarece ele: "É uma campanha internacional. O apartheid é uma filosofia política adotada pelo Governo de um país amigo, de um Estado soberano, logo trata-se de questão interna com a qual nada temos a ver. Apartheid é uma palavra terrivelmente incompreendida quando se fala da África do Sul. Eu diria que Apartheid é antes preservação cultural do que segregação racial.". Falando num de seus livros de viagem à África do Sul ele conta: "Já não se nota, ostensivamente, a marca do apartheid e parece que as relações entre os vários grupos raciais melhoraram bastante. Há ainda muita coisa para ser desbastada, mas a verdade é que o país caminha para uma harmonização completa entre seus habitantes multi-raciais... Viajando por diferentes partes do país, belo e vasto, não vi aquela animosidade

entre negro e branco que a imprensa mundial frequentemente se refere.."

(Entre outubro de 1976 e dezembro de 1981, oito milhões de negros sul-africanos ficaram sem sua cidadania. E 737 mil serão "dados" à Suazilândia; 96 mil serão "dados" a outro país. Entre 1960 a 1980 um milhão e 500 mil negros foram expulsos das áreas rurais brancas e 750 mil das áreas urbanas e enviados para reservas. Isso é o apartheid.)

"SOMOZA ERA TRABALHADOR"

Mas Sabbá Guimarães desafia opinião sobre tudo. Todo mundo noticia mal, está mal informado, está tendencioso, ninguém consegue entender a "filosofia dos grandes governantes". Em 1980, por exemplo, ele escrevia um artigo sobre a Argentina realmente comovente.

— Saído da desordem interna, dos desmandos do governo de Dona Isabel Perón, o país estava enfraquecido ainda por guerrilhas urbanas e por uma inflação galopante...Honesto e bem intencionado, Videla parte para uma política de aproximação...Sob a esclarecida liderança do general Videla a Argentina toma novos rumos.. A Argentina tem um povo forte e culto, com uma homogeneidade racial ad-

mirável...

(Durante o governo militar, especialmente o do general Jorge Rafael Videla, foram assassinados 8.961 argentinos e o número de desaparecidos é de 30 mil. Videla atualmente encontra-se preso, aguardando o julgamento pelas mortes ocorridas na "guerra suja", que comandou.)

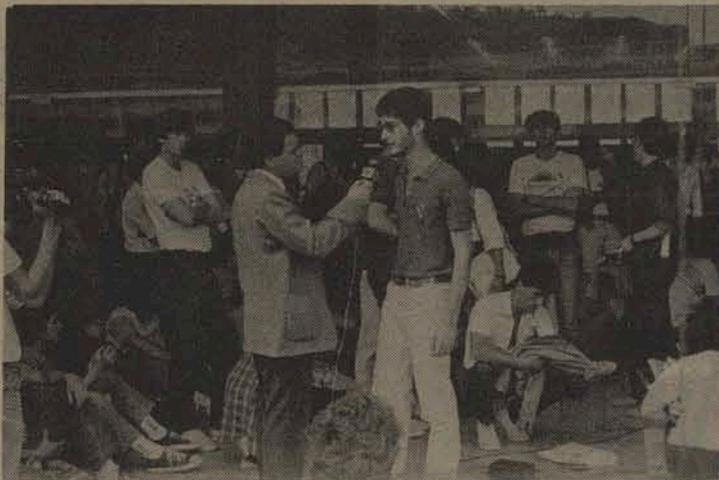
Durante a ofensiva final declarada pela Frente Sandinista para a Libertação Nacional, nos anos 78/79, contra o governo de Anastasio Somoza da Nicarágua, Sabbá Guimarães talvez fosse o único homem a escrever artigo defendendo a permanência do ditador. Na época ele dizia:

— 'Viver em paz' é o que todos querem, e não discutir se o general Somoza vai perpetuar-se no poder ou não, se ele é um governante autoritário ou democrático, se ditador ou tirano. O presidente Anastasio Somoza, que todos chamam insistentemente de ditador, tenta sobreviver aos ataques com inaudita bravura para cumprir o mandato que lhe foi concedido pelo povo...Os mesmos noticiaristas que atacam sem dó nem piedade, esquecem-se de que, por ocasião do grande terremoto que abalou aquela região, ele foi a figura central... reconstruiu Manágua...e é como seu famoso pai, General Anastasio Somoza, o iniciador da Dinastia Somoza...abriu estradas ligando todos departamentos...

(Os Somozas ficaram no poder da Nicarágua quase 50 anos e assassinaram cerca de 50 mil pessoas. Durante o terremoto, Somoza abriu uma clínica particular para negociar com o plasma



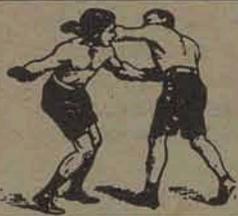
A IMPRENSA E A CRISE DO R.U.



Repórter de televisão foi vaiado pelos estudantes



As primeiras adesões ao caixa 2



Assunto ficou muito tempo nas manchetes

Durante dezesseis dias, de sete a 20 de outubro, os jornais catarinenses moveram campanha contra os integrantes do Diretório Central dos Estudantes da UFSC que, revoltados, com o novo preço cobrado pelas refeições, haviam tomado o restaurante universitário no dia seis.

CAOS NA UNIVERSIDADE. Esta foi a Manchete da edição do dia 18 do jornal "O ESTADO" que dedicou quase toda primeira página ao assunto, ilustrada por fotos dos "enfurecidos" líderes da revolta. Numa reportagem recheada de opiniões contra o movimento o jornal informava que a comissão de sete estudantes, encarregada de negociar com a reitoria, fora constituída numa "desordenada assembléia". Mais adiante, acrescentava que "não conformados em fazer pela manhã o caixa dois, xerocar os tiquets com os preços antigos e tomar o restaurante de assalto, os estudantes determinaram a ordem: ninguém entra, ninguém sai".

A partir daí, capitaneada pelo **O ESTADO** prosseguiu a campanha contra a rebelião dos estudantes. As expressões variavam, mas eram todas altamente contrárias aos universitários - "Irritados, os estudantes invadem o R.U.". "Funcionários são mantidos em cárcere privado". No dia 19, o "Jornal de Santa Catarina" informava que "embora em pequeno número (cerca de mil) os estudantes não abriram mão da negociação e queriam os preços congelados." Assim, tentavam caracterizar uma postura minoritária dos estudantes embora, é claro, sem informar que não conformado em cerrar com tábuas as portas da reitoria, naquele dia protegidas por dezenas de guardas, o reitor só surgiria às 17h30 para con-



Cena que a grande imprensa omitiu



O desmaio, foi explorado pelos jornais

versar com os alunos que o esperavam desde às 13 horas.

O conflito que surgiu entre funcionários do R.U. e estudantes foi igualmente bastante utilizado pela imprensa estadual para esconder a essência da questão, que era o corte das verbas universitárias, e seu encaminhamento, ou seja, as negativas da reitoria em participar do diálogo. A foto de uma funcionária, que sentiu-se mal amparada por dois colegas, foi um prato feito para os jornais.

Um deles a publicou sobre a legenda: "Momento de tensão: dona Wals a sofre um ataque pois queria ver o filho e foi impedida". Manchete do jornal **O ESTADO**, publicada no dia seguinte - "Traumatizados, servidores não queriam entrar para trabalhar" colocava definitivamente a sociedade contra o movimento.

No primeiro capítulo da novela, quando instauraram o caixa dois e ocuparam o restaurante, os estudantes foram acusados de terem expulsado os funcionários do local, embora em outra matéria o jornal reproduzisse declaração do diretor do Restaurante Universitário Vilmar Bayerstorff que afirmava ter liberado os funcionários "por motivo de segurança". Para jornais que exploravam com tanta avidez o assunto, tal lapso é inaceitável.

As fotografias também serviram para reforçar as teses defendidas pelos jornais. Assim, os fotógrafos concentraram suas máquinas no local em que bandejas, não devolvidas, justamente onde normalmente amontoa-se o lixo.

Com isso, conseguiram caracterizar a sujeira da cozinha, que, como afirmaram, em outra legenda "mais parecia um campo de batalha".

Toda esta campanha desencadeada para exigir a punição dos chefes da rebelião, legitimando-a, e para desmoralizar a iniciativa dos estudantes respaldou-se ainda na episódio do afastamento do diretor de divulgação do DCE, que demitiu-se por discordar, segundo os jornais, "das atitudes infantis dos companheiros".